



CONTORNOS DO REAL NA PSICANÁLISE E NA ANÁLISE DO DISCURSO

Ana Maria Carnevale Lopes¹

Início este recorte pela fala de um analisando de oito anos de idade. Ao entrar no consultório, ele vê sobre a mesa um livro. O toma em suas mãos e me pergunta o que é. Eu lhe digo: um livro. E ele prossegue dizendo: A língua Inatingível... faz uma pausa e complementa: é o buraco negro! Deixa o livro sobre a mesa e vai buscar um brinquedo...

Esta fala de meu analisando me pôs a pensar, já que me propus escrever sobre algo que nos remete de fato, ao buraco, àquilo que, como sabemos se nos coloca como da ordem do impossível. Em seu Seminário *RSI* (1974-1975), Lacan nos traz justamente esta questão, a existência desse “buraco do Real a se designar como vida”. Se assim pensarmos a vida como aquilo que nos remete a esta impossibilidade, a tomamos de fato como algo que se coloca para todo sujeito de fala e de linguagem como sendo da ordem da incompletude. Não há um simbólico todo, pleno, que dê sentido a tudo. Deste modo, tomados pela falta primordial, somos seres inseridos na impossibilidade de tudo dizer e de tudo abarcar.

Pensemos o Real inicialmente a partir do *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* (KAUFMANN, P. 1996). Neste há um primeiro momento onde se faz um comentário biológico sobre o que Freud trazia a respeito das percepções internas e externas e da descarga de energia. Para logo em seguida tratar da incompletude subjetiva, onde o Real assume um valor positivo no registro da negação, de acordo com Freud (1924) o Real é aquilo que é reencontrado, “o real tem de ser reencontrado e que, para um sujeito histórico, o objeto de desejo é por essência o objeto perdido”. Sendo assim, o Real é definido como o impossível, fora do campo demarcável, ou seja, ex-sistente. Portanto, o Real se coloca como o vazio e se articula com os vazios constituintes do simbólico e do imaginário. De acordo com KAUFMANN (1996) Lacan traz a ex-sistência “como desejo do sonho enquanto inscrito no Outro sob o aspecto do realizado”. De fato, “a ex-sistência do desejo no sonho é que explica que a significância do sonho mascare o desejo”. Para Lacan, a impossibilidade que define o Real é a da relação sexual, que se manifesta pela angústia de castração.

Seguimos agora o Real pela via do *Dicionário de Psicanálise Larousse* (CHEMAMA, R. organizador, 1995). Como definição de Real temos: “aquilo que, para um sujeito, é expulso da realidade pela intervenção do simbólico”. Ainda de acordo com o dicionário, para Lacan a definição de “Real está vinculada à noção de simbólico e imaginário. O simbólico o expulsou da realidade”. O Real não é por ele classificado como representante do mundo externo, mas sim, retorna na realidade para um lugar onde o sujeito não o encontra. É, pois, o Real definido como o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado pela palavra ou pela escrita e, de acordo com Lacan, por consequência, “não cessa de não se escrever”, posto que retorna sempre ao mesmo lugar. O Real é o simbólico enquanto inominável. De acordo com Lacan, o Real já existia antes do advento do sujeito do

¹ Psicanalista, Mestre em Ciência da Arte (UFF), Doutoranda Letras (UFF)



inconsciente e de sua passagem simbólica para a existência. Em sendo o Real aquilo que já estava lá, isto diz justamente que ele escapa à apreensão total do simbólico e é aquilo que sempre retorna ao mesmo lugar e onde o sujeito nunca o encontra. Um exemplo trazido de um sonho:

“após a morte de seu filho, o pai querendo descansar, chama um velho empregado para velar o corpo de seu filho morto. Assim, cai no sono e sonha que seu filho, que tinha morrido devido a uma febre, o interpela: “Pai, não vês que estou queimando?” O pai não desperta enquanto queimam, na outra sala, os despojos mortais do filho, a quem o velho devia velar. Mas enuncia, para si mesmo, em seu sonho, uma frase que é em si uma tocha, o “ponto mais cruel do objeto, diz Lacan. Ela testemunha seu desejo impossível de que o filho ainda estivesse vivo. O fogo se refere ao que foi separado dos próprios significantes: o real do sofrimento e da morte”. (FREUD, S., 1900).

O Real “não cessa de não se escrever”, pois foi ali colocado pelo próprio simbólico. Lacan inventa uma escrita que lhe permite situar o real e apresentá-lo materialmente.

Em seu seminário ainda não publicado, RSI (1974-1975), Lacan utilizando-se da teoria dos nós, do nó borromeo, onde esses nós se apresentam em forma de círculos ligados, o círculo do real, o do simbólico e o do imaginário e estes círculos, nos diz Lacan, são mantidos juntos apenas pela materialidade real de seu enlace. Deste modo, cortando-se um deles todos se soltarão. Neste nó o Real existe ao lado do simbólico ligado a ele pelo imaginário. A escrita dos nós nos mostra que há uma estrutura Real irredutível ao simbólico, mas a ele ligada.

Retomando a questão que inicialmente foi aqui trazida pelos recortes dos dois dicionários, mais precisamente dicionários de psicanálise - *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* (KAUFMANN, P. 1996) e *Dicionário de Psicanálise Larousse* (CHEMAMA, R. organizador, 1995), e trabalhando em conjunto com a AD, onde o sentido é sempre em “relação a” tomando os dois verbetes sobre o Real, ambos nos remetem à singularidade de cada dicionário e à produção histórico-discursiva de cada um. São-nos apresentadas marcas semelhantes e variações em suas definições. A AD trabalha com o sentido e aqui ele é “compreendido nas redes de significações”, posto que a língua é um sistema aberto, ainda que seja opaca, constituída por falhas. O que nos leva a pensar que a língua não é plena e que o real da língua é inatingível, mas isto não implica que ela escape ao representável.

Analisando os verbetes procuramos saber o que eles trazem da sociedade e da história. Sendo, portanto um “verbeta um efeito de práticas sócio-históricas” (NUNES, J. H., 2006). Assim, ao falarmos em uma sociedade de psicanálise, marcada por uma história cheia de contratempos, estes verbetes demonstram que a sociedade psicanalítica, já naquela época, foi se construindo de modo parcial e que algumas vezes essa construção foi marcada pelos silêncios que iriam posteriormente dar sequência à teoria. Tomando assim os dois verbetes sobre o Real, há um primeiro significante: o impossível, que é a marca de seus registros, assim como o é a marca do Real. Um Real que, de acordo com ambos os dicionários, é reencontrado, é algo que retorna ao mesmo lugar, que já existia antes, que é da ordem de uma incompletude subjetiva e que o sujeito nunca o encontra. Estas marcas nos dois verbetes nos levam a pensar em como falar deste Real, como simbolizá-lo?



Em um dos dicionários temos como referência, o fato de que o Real já estava desde o princípio colocado. Deste modo se dizemos que no “princípio era o verbo”, há algo que prescinde este verbo original, colocado como anterior ao próprio verbo, que nos remete à questão do silêncio constituinte do sujeito, do qual já nos falava Eni Orlandi (1995). É também a partir da entrada do humano na linguagem que algo se perde. Este algo inominável e ao qual sempre se retorna para tentar dele dar conta, ou seja, para poder dar-lhe um estatuto de significante. Entretanto, este significante primordial está para sempre perdido, o sujeito não pode alcançá-lo. É, portanto, de uma incompletude subjetiva de que trata este Real e, como dissemos anteriormente, de acordo com Jacques Lacan, o Real é aquilo que volta ao mesmo lugar, mas o sujeito, ainda que o busque, não pode encontrá-lo. O Real só pode ser abordado pela linguagem, mas a linguagem não pode esgotá-lo, é por isso que dizemos que não cessa de não se escrever. É pela escrita deste Real, deste impossível, que se volta ao mesmo lugar, na tentativa de se inscrever algo.

Lacan em seu Seminário *RSI* (1974-1975), diz que a única maneira de dar uma medida comum ao Real, Simbólico e Imaginário seria enlaçando-os no nó borromeano. Definindo nó borromeano, partimos de três e que se desses três rompermos um dos anéis, eles ficam livres, todos se soltam. E se nos perguntarmos o que sustenta o nó borromeano poderemos dizer que é o registro do Imaginário e, segundo Lacan, “o é naquilo que o Imaginário se enraíza a partir das três dimensões do espaço”. É por se ligar ao Simbólico e ao Real, que o Imaginário não se reduz a um máximo imposto pelo corpo.

Assim, Lacan dá uma justificativa para que o nó borromeano possa ser escrito:

“ele é uma escritura. Uma escritura que suporta um Real. Só isso já designa que não somente o Real pode suportar-se em uma escritura, mas também que não há outra idéia sensível do Real. Esse Real que é o nó, nó que é uma construção, esse Real se basta para deixar aberto esse traço de escrita, esse traço que está escrito, que suporta a idéia do Real” (*RSI* – 1974-1975).

Em seu seminário sobre a angústia (2005), Lacan nos diz que a idéia de Real comporta uma função opaca que se opõe a do significante e que permite que nos orientemos. Segundo ele, a angústia é sinal de um real irreduzível e que se apresenta na experiência do sujeito. No processo de subjetivação o sujeito se constitui no campo do Outro, na forma primária do significante, sendo este Outro tomado como tesouro do significante. É neste lugar que se espera que o sujeito se situe, posto que anterior a isso ele não existe. Quando da fórmula lacaniana de que um significante representa o sujeito para outro significante, o que temos aí é o comparecimento do sujeito e que deste há um resto, o objeto *a*. Este *a* é o que resta de irreduzível do advento do sujeito no lugar do Outro.

$$S1--\$--S2$$

|

a

Em sendo este *a* a sobra da operação subjetiva, podemos então reconhecer neste resto, o objeto perdido, e isto mais uma vez nos remete ao Real. Lacan, utilizando-se da matemática, para explicar esse *a*, diz que o mesmo é como o conjunto dos números Reais, um conjunto no qual entre



o número 0 e o número 1 se coloca uma infinidade de possibilidades, inalcançáveis, inatingíveis, portanto, o que se coloca é da ordem do impossível.

Sigamos agora um pouco nosso caminho pela/na AD, mais precisamente no texto de Pêcheux, *O Discurso Estrutura ou Acontecimento* (2006) no qual ele se refere às “coisas a saber”, e vem falar justamente nos mecanismos possíveis para se contornar o Real. E o que seria contornar esse Real, uma vez que o próprio Pêcheux diz que ele é impiedoso? Se para a Análise do Discurso todo enunciado pode tornar-se outro, pode haver deslizamentos que levem a um novo e um a novo... enunciado. Não seria esse deslizamento discursivo a tentativa de contornar esse Real do qual falamos? Uma vez que não podemos dar conta desse Real, temos ao menos a possibilidade de criação, de através do não dito formular um novo dizer, posto que a cada dito um não dito o acompanha. E esse não dito não nos remete ao Real, mas à existência de outras possibilidades de dizeres, que são em sua origem também marcadas pelo Real, pela impossibilidade de tudo dizer. Há aí o impossível. A língua não pode abarcar todos os significantes, nem mesmo o sujeito poderia fazê-lo se assim o desejasse. Deste modo não podemos conceber um Real específico da língua, ou seja, o Real da língua é da ordem do impossível que lhe é próprio. Mas Pêcheux tenta pensar criticamente numa ciência que desse uma estrutura a esse Real, que pudesse explicitá-lo e que lhe assegurasse o controle de toda interpretação, ou seja, algo que representasse uma “auto-leitura científica, sem falha, do real” (Pêcheux, M., 2006). Entretanto, ele mesmo coaduna idéias de que há um “impossível próprio à estrutura do real histórico” (Pêcheux, M. 2006) e, por isso mesmo, há algo de inapreensível ao sujeito.

Há um trecho no texto *Estrutura ou acontecimento* que gostaria de citar, posto que muito me encantou a sua escrita:

“Interrogar-se sobre a existência de um Real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não logicamente-estável não seja considerado *a priori* como um defeito, um simples furo no Real.

É supor que – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber”... Logo um real constitutivamente estranho à univocidade lógica e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” (Pêcheux, M., 2006)

É disto que trata o Real, deste impossível de ser dito, transmitido, aprendido e ensinado. O Real já se coloca de saída para o sujeito, é anterior a ele e o invade, produz efeitos. Ao ingressar na linguagem, o sujeito se insere num mundo do qual ele não poderá dar conta, posto que não existe o todo significante, transparente, compreensível e transmissível. Em não sendo mais um ser de instintos e por eles movido, algo se dá e algo se perde. É nesta perda que o sujeito advém. Há, portanto, uma falta que marca este sujeito simbolicamente inscrito e imaginariamente constituído. Esta falta que o recobre e da qual ele busca dizer, é apenas tentativa de circunscrever o seu pensamento e o seu afeto. Ambos marcados pelo Real, pelo impossível de se dizer.

Em seu seminário RSI (1974-1975) Lacan se pergunta: “há um contador no inconsciente?” E



responde: “é muito evidente que sim. Cada inconsciente não é contável, ele é um contador, e um contador que sabe fazer somas...” e ele prossegue seu seminário dizendo ser daí que provem o sentimento de culpa. Segundo ele “o sentimento de culpa é alguma coisa que faz contas...” Mas não nos deteremos nisto hoje. Gostaria, de falar, outrossim, deste contador. De fato, ouvindo de outro modo, o sujeito do inconsciente conta a sua dor de existir. Assim, também há aqui um outro dito não dito primeiramente em seu texto, há um deslizamento na cadeia significante e que introduz um novo enunciado para este sujeito da enunciação, que conta a sua dor, mas que dela não pode tudo dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, Roland. (org.) *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A Língua Inatingível*. Tradução: Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 10, A Angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Título original: Le séminaire de Jacques Lacan, livre X: l'angoisse (1962-1963)

_____. *O Seminário, Livro 22, RSI*. Não publicado

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas,: SP Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: 3ª. Edição, Editora da UNICAMP, 1995

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 4ª. edição Campinas, SP: Pontes editores, 2006.